



O real, o ideal e tudo que há no meio - experiências das jovens metodistas

The real, the ideal and everything in between - experiences of young methodist women

Marina de Oliveira Lúcio¹

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da dissertação sobre a influência da Igreja Metodista de Poços de Caldas na construção dos posicionamentos identitários da juventude feminina nesse contexto religioso. Analisa-se mecanismos institucionais que orientam a formação identitária, bem como estratégias de resistência e negociação perante as dinâmicas de poder que envolvem jovens metodistas em seus diversos âmbitos. A fundamentação teórica se apoia em estudos sobre metodismo, poder e identidade, articulando essas temáticas com as interseções entre gênero e religião, compreendendo suas relações e as experiências das jovens a partir de uma abordagem qualitativa. A metodologia adotada combina pesquisa bibliográfica e entrevistas em grupo focal com jovens metodistas, para captar suas percepções sobre a influência da Igreja em suas trajetórias pessoais e sociais. A análise das narrativas revela que, embora a instituição religiosa funcione como um espaço de normatização, também permite a construção de estratégias de resistência e ressignificação. Os resultados indicam que, embora o poder institucional exerça influência sobre os processos identitários, a experiência religiosa não é homogênea nem determinista, sendo atravessada por dinâmicas de contestação e apropriação.

Palavras-chave: Metodismo; Posicionamentos identitários; Experiência; Mulheres.

Abstract: This article presents the results of my dissertation on the influence of the Methodist Church of Poços de Caldas on the construction of the identity positions of young women in this religious context. It analyzes institutional mechanisms that guide identity formation, as well as strategies of resistance and negotiation in the face of the power dynamics that involve young Methodists in their various spheres. The theoretical foundation is based on studies on Methodism, power and identity, articulating these themes with the intersections between gender and religion, understanding their relationships and the experiences of young women from a qualitative approach. The methodology adopted combines bibliographical research and focus group interviews with young Methodist women to capture their perceptions of the influence of the Church on their personal and social trajectories. The analysis of the narratives reveals that, although the religious institution functions as a space of normalization, it also allows for the construction of strategies of resistance and re-signification. The results indicate that although institutional power influences identity processes, religious experience is neither homogeneous nor deterministic, and is crossed by dynamics of contestation and appropriation.

Keywords: Methodism; Identity positions; Experience; Women.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Psicóloga clínica graduada pela PUC Minas *campus* Poços de Caldas com pós-graduação em andamento em Especialização em Psicologia Clínica Fenomenológica e Hermenêutica. E-mail: marinalucio.psi@gmail.com



Introdução

A religião tem sido intencionalmente acionada por indivíduos e grupos sociais como um meio de fortalecimento identitário, legitimação de discursos e afirmação de pertencimentos. Segundo Santos (2014), mesmo com o avanço da secularização, a religião continua desempenhando um papel significativo na articulação e/ou catalisação de conflitos, evidenciando sua influência na construção de identidades sociais e culturais.

Sob essa ótica, observa-se um duplo movimento. De um lado, a religião e a espiritualidade são cada vez mais apreendidas de forma subjetiva e individualizada, caracterizando um processo de desregulamentação de normas institucionais. De outro, há uma reação que busca reafirmar absolutos religiosos, promovendo a manutenção de uma ordem tradicional e universal. Esse tensionamento evidencia que, ainda que a religião perca parte de sua influência normativa em certas esferas da sociedade, ela continua sendo mobilizada tanto para fundamentar discursos individualizados quanto para justificar reivindicações de pertencimento coletivo.

Diante do cenário de secularização e pluralismo, a linguagem religiosa é ressignificada e reinterpretada no contexto atual, acompanhando transformações institucionais. Esse processo ocorre a partir da apropriação subjetiva da linguagem e das narrativas religiosas, que passam a ser articuladas com referenciais individuais. Dessa forma, verifica-se tanto uma instrumentalização das identidades individuais e coletivas pela religião quanto o movimento inverso: a instrumentalização da religião pelas identidades individuais e coletivas. Essa dinâmica de ressignificação da linguagem religiosa e de sua instrumentalização nas identidades individuais e coletivas pode ser comprovada a partir de diferentes abordagens, incluindo a linguística e a análise crítica do discurso.

É essa ideia que se articula na dissertação de Mestrado intitulada “O Poder Da Igreja Metodista Em Poços De Caldas: impactos e implicações nos posicionamentos identitários da juventude feminina”. A partir dos dados obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, através de grupos focais, pretende-se, nesse artigo, será de apresentar a análise das práticas discursivas como produção de sentido (Spink e Gimenes, 1994), reconhecendo a necessidade de utilizar o termo “posicionamento identitário” (Harré, 1990), adequado para poder falar sobre as experiências das sujeitas da pesquisa. O interesse se faz em compreender os mecanismos que agem dentro da igreja

e quais são seus efeitos, como estes aparecem nos corpos e nas identidades individuais das jovens metodistas.

O metodismo corresponde a um movimento protestante cristão, preocupado com a comunhão, de práticas rigorosas e forte caráter missionário. É interessante considerar essa forma religiosa uma vez que a quarta ênfase missionária da 5º Igreja Metodista (região da qual a Igreja Metodista de Poços de Caldas faz parte), diz de “Fortalecer a Identidade, Conexidade e Unidade da Igreja”, além de reforçar o “Credo Social” como uma de suas primeiras preocupações. Nos documentos elaborados e disponibilizados pelo 44º Concílio Regional da 5º Igreja Metodista pode-se notar nos relatórios “Jovens” e “Juvenis” os resultados e os numerosos planos de ação preocupados com a inclusão e resgate de jovens para a igreja. Ainda, em Poços de Caldas nota-se o segundo maior número de membros, sendo a sexta igreja da região com maior recebimento de novos membros no ano de 2017 (últimos dados disponíveis), e a quarta com maior crescimento, o que vai na contramão das estatísticas gerais que apontam para um quadro de redução dos membros.

Tal cenário desperta curiosidade a respeito do apelo da Igreja Metodista diante do público mais jovem e feminino, dado que a preocupação dessa pesquisa está em ouvir as vozes que costumam ser abafadas. Os conhecimentos científicos são produzidos majoritariamente por homens, a história humana traz consigo uma carga pesada de vozes masculinas em detrimento das femininas e o discurso religioso cristão, semelhantemente, continua sendo eminentemente antropocêntrico, androcêntrico, branco e ocidental (Gebara, 1997). Portanto, permitir que mulheres falem e sejam ouvidas cria um caminho de retomada de posse de seus próprios conhecimentos, de seus saberes e reflexões sobre suas capacidades cognitivas (Gebara, 1997).

1. O discurso e o posicionamento no interstício

O discurso é uma prática social que investiga como a linguagem é utilizada em contextos sociais, seus eventos discursivos e suas influências nas práticas discursivas. Isso envolve a produção, distribuição e consumo de textos em diferentes atividades humanas, nas quais o discurso desempenha um papel fundamental na criação de sentidos e sentimentos compartilhados.

A partir de Foucault (2006), comprehende-se que, numa relação dialógica, o discurso, enquanto prática social, é simultaneamente constituído pela sociedade e constitutivo dela. Nesse mesmo sentido, o sujeito pode ser entendido como um resultado da subjetivação, ou seja, ele está inserido em contextos sociais e culturais nos quais assimila e interage, adotando e internalizando valores e características compartilhadas por diferentes tipos de rationalidades, considerando as expectativas dos outros (Santos, 2017). Dessa forma, institucionalizam-se culturas e modos de ser que independem dos indivíduos. Algumas representações tornam-se dominantes, adquirem status de dominação e se autolegitimam.

Segundo Santos (2017, p. 9-10), “a subjetividade, na perspectiva foucaultiana, é produzida, moldada e fabricada em diferentes práticas discursivas, em relações heterogêneas de poder-saber”. Assim, os indivíduos passam por diferentes processos modos de subjetivação, constituindo-se como sujeitos. O discurso, portanto, vincula o sujeito à sua subjetividade e expressa sua relação com a verdade.

A ideia de posicionamentos identitários parte dessa compreensão de identidades contextuais, que influenciam e são influenciadas pelo meio. Nesse sentido, o autoconhecimento pode ser realizado por meio de alguns processos: categorias de identificação/não-identificação; participação em diversas práticas discursivas, quais significados situam categorias de identificação; posicionamento do self em termos de categorias e narrativas; e reconhecimento de si como portador de características que o situem em diferentes subclasses de categorias. Esse último aspecto envolve um compromisso emocional e o desenvolvimento de um sistema moral organizado de acordo com uma noção de pertencimento. Assim, o indivíduo tende a se compreender como uma construção histórica e unitária.

No entanto, conforme Harré (1990), essa perspectiva gera o problema de que posicionamentos contraditórios devem ser evitados ou remediados — o que, necessariamente, não precisa ser uma regra. O posicionamento identitário, além de ser um conglomerado de posições subjetivas, provisórias e não irrevogáveis, constitui-se como um processo discursivo pelo qual os "eus" são localizados em conversas, tornando-se participantes observáveis e subjetivamente coerentes em narrativas construídas coletivamente (Harré, 1990). Esse processo ocorre por meio do discurso e da interação

com o mundo habitado pelo sujeito. O posicionamento pode ser tanto de forma interativa quanto reflexiva, sem a necessidade de uma intenção prévia.

O termo posicionamento passa a ser utilizado para facilitar a análise de práticas discursivas, especialmente por analistas sociais com abordagem linguística, quando o conceito de papel não se mostra adequado. Enquanto o papel remete a aspectos estáticos, formais e ritualísticos, o posicionamento enfatiza a dinamicidade dos encontros discursivos. Conforme apresenta Harré (1990), a linguagem possui um caráter imanente, ou seja, só existe no seu uso concreto. Dessa forma, posicionar-se ou estar posicionado rompe com a tradição linguística que tende a abstrair as entidades que moldam o discurso, implicando os sujeitos nas suas próprias construções discursivas e identitárias.

Como o posicionamento identitário e o discurso se constroem mutuamente, diferentes discursos podem competir entre si, criando realidades distintas e até mesmo incompatíveis, assim como os próprios posicionamentos identitários. O conhecimento, portanto, se dá nos termos de um ou mais discursos.

Assim, ao assumir um posicionamento, a pessoa passa a ter esse lugar como o seu ponto de vista. O posicionamento subjetivo, por sua vez, incorpora um repertório conceitual e uma posição numa estrutura de direitos para aquele que o utiliza (Harré, 1990).

As posições criadas para si e para o outro não fazem parte de uma autobiografia linear e não contraditória (como costumam ser as autobiografias na sua forma escrita), mas sim, os fragmentos cumulativos de uma autobiografia vivida (Harré, 1990). Essa dinâmica revela que as posições identitárias não são estáticas, mas continuamente negociadas no fluxo das interações. Nesse sentido, Harré (1990) destaca:

as posições são identificadas, em parte, extraíndo os aspectos autobiográficos de uma conversa em que se torna possível descobrir como cada conversante se concebe a si mesmo e aos outros participantes, vendo que posição eles ocupam e em que história, e como eles são por sua vez posicionados (Harré, 1990, p. 7, tradução nossa).

Quem narra disponibiliza uma posição de sujeito que o outro narrador, no curso normal dos eventos, tende a adotar ao assumir papéis, de forma explícita ou implícita.

Assim, ocorre um posicionamento pelo outro. As falas, por sua vez, evocam imagens provenientes do imaginário coletivo, que, ao serem ativadas, invocam modos de ser nos quais os participantes de uma conversa se veem envolvidos (Harré, 1990). Trata-

se, portanto, de um processo dinâmico. O modo como alguém fala em certos tipos de situação pode tanto indicar alienação quanto reflexivo o posicionamento que está sendo construído. Esse posicionamento pode variar conforme as pessoas envolvidas e, assim como as interações discursivas, não é rígido nem definido de forma absoluta (Harré, 1990).

Estabelecer fronteiras semipermeáveis e flexíveis significa permitir a troca e o diálogo entre o eu e o outro, promovendo o desenvolvimento de novos significados compartilhados, sem negar as características divergentes (Vanazzi, 2021). No entanto, no caso do fundamentalismo religioso, caracterizado por crenças inflexíveis e fronteiras rígidas, baseadas em verdades absolutas atribuídas a Deus, a troca entre diferentes perspectivas se torna inviável.

2. Sujeitos como produtos do poder

É fundamental observar como o poder opera na criação e legitimação de verdades e como estas estão inseridas na ordem do discurso – a principal fonte de coleta de dados e análise deste trabalho. O discurso, por sua vez, possui uma função retroativa como dispositivo de poder. Assim, Foucault (2022) evidencia que as relações de poder são uma das forças mais sutis e sorrateiras no corpo social e para compreender as relações de poder em sua profundidade, é necessário olhar para aquilo que está oculto, inserido nas infraestruturas econômicas e materializado nos corpos e na corporeidade.

Vendo como essas relações de poder são tecidas na estrutura da religião, especialmente no contexto da religião institucionalizada, com foco na Igreja Cristã Metodista, a pesquisa realizada abre um diálogo com o campo empírico da pesquisa, identificando convergências e divergências entre teoria e realidade observadas.

Por meio de uma genealogia do poder, comprehende-se como os dispositivos de poder incidem sobre os aspectos mais subjetivos dos sujeitos e quais significados os participantes da pesquisa atribuem a essas influências. Assim, o ponto de partida na concepção geral de poder em Foucault (2022), articulada com a leitura de Byung-Chul Han (2019; 2022) e o pensamento de diversos estudiosos que analisaram o poder, especialmente a partir da teoria de Hegel, em diálogo com os sociólogos citados aponta que os poderes se exercem de maneira difusa e descentralizada, operando em diversos

níveis e pontos da estratificação social. Desse modo, formam um complexo de micropoderes, que podem ou não ser integrados pelo Estado.

As múltiplas relações de poder atravessam, caracterizam e constituem o corpo social, sofrem alterações e funcionalidades a partir de produção, acumulação, circulação e funcionamento de discurso (nota-se o papel basilar do discurso para compreender os modos de ser, tanto a partir da prática discursiva quanto das relações de poder). O poder leva à institucionalização da busca da verdade – a religião oferece verdades pelas quais viver – e discursos verdadeiros trazem consigo efeitos específicos de poder. (Foucault, 2022).

Enquanto um indivíduo se constrói e reconstrói a partir de diferentes práticas discursivas nas quais toma parte, os espaços de poder são estruturados em conformidade com uma identidade que se pretende perpetuar. Essa estruturação não se baseia exclusivamente em vontades individuais, mas na constituição de um eu determinado, promovendo sua continuidade. “A figura de um soberano reflete sua estrutura de subjetividade” (Han, 2019, p. 39). Por exemplo, Deus, enquanto soberano, estrutura um espaço de poder que se manifesta na comunidade religiosa, a qual reflete suas formas e interioriza, segundo uma teologia específica, a realidade. Nesse sentido, Foucault observa que:

[...] no século XIX, a organização das paróquias, a institucionalização do exame de consciência e da confissão, desde o século XVI, aparecem como importantes dispositivos de individualização. Em suma, o poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário o fábrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, por ele anulado; é um de seus mais importantes feitos (Foucault, 2022, p. 25).

No âmbito religioso, vale pensar que como Deus é salvação, logo, a salvação vem para aqueles que seguem Deus e as doutrinas da Igreja, para aqueles que enfaticamente dizem ‘sim’ àquilo que vem de Deus – condutor de decisões, portanto poderoso. É assim que um poder de origem religiosa, advento do cristianismo, se caracteriza como projeto de dirigir pessoas, nos detalhes de suas vidas; do nascer ao morrer há uma direção a ser seguida para chegar à salvação, pela obediência livre e obrigada concomitantemente (Foucault, 2022). O traço mais forte do poder é o de arrebatar o outro. Na lógica do poder do espírito, que é o absoluto do poder dado que torna o mundo exterior interiorizado, Deus é um sinônimo desse desfrute absoluto.

Essa dinâmica pode ser notada à submissão de bom grado às vontades de Deus e também na lógica da ética protestante. Ao passo que serve e trabalha, se está mais de acordo consigo mesmo, mais de acordo com Deus, e assim mais próximo da salvação e da liberdade. O poder transforma domínio em liberdade (Han, 2022).

Ainda, ao passo que a existência e o mundo humanos sejam caracterizados pela historicidade, pela dialogicidade e por nuances, o cristianismo se baseia em uma concepção absoluta da verdade. Dizer da verdade em relação à teologia implica reconsiderar o aspecto temporal e provisório, também, dos discursos teológicos, encará-los como dispositivos de poder. Assim, se dá na vida cotidiana um desafio diante das identidades, uma vez permeadas por relações de poder, estruturantes de mediações culturais que inferem diretamente na formação das identidades e interações.

Ao estabelecer determinados papéis de gênero e instituir um sistema binário de formas de ser, são servidos propósitos de controle social e político dos corpos, o que desvela uma cultura disciplinar de produção de corpos dóceis como dispositivos institucionais para manutenção da ordem de poder (Foucault, 2009).

As relações de poder permeiam todas as esferas da vida social, estruturando hierarquias, impondo normas e influenciando as formas de subjetivação dos indivíduos. No contexto das instituições religiosas, essas dinâmicas tornam-se ainda mais complexas, pois se entrelaçam com crenças, doutrinas e práticas que moldam a experiência cotidiana dos fiéis. O cristianismo, enquanto tradição religiosa de alcance global, consolidou-se historicamente pela fusão entre espiritualidade e poder, legitimando modelos hierárquicos tanto no plano teológico quanto no social.

O patriarcado, compreendido como um sistema de dominação que estrutura desigualdades de gênero, encontrou no cristianismo um aliado fundamental para sua continuidade. Ao longo da história, a teologia cristã assimilou e reforçou valores patriarcais, atribuindo à submissão feminina um caráter natural e justificando sua exclusão dos espaços de poder. Paralelamente, as instituições religiosas desempenharam um papel central na organização da sociedade, fornecendo tanto um arcabouço simbólico quanto mecanismos concretos para sustentar essa hierarquia. Dessa forma, a relação entre religião e poder extrapola a esfera da fé, influenciando diretamente as dimensões política, social e cultural, normatizando comportamentos e reforçando desigualdades estruturais.

Nesse sentido, compreender as relações de poder no interior das tradições cristãs exige uma abordagem crítica que considere os múltiplos fatores históricos, ideológicos e institucionais envolvidos. A análise proposta nesta pesquisa busca revelar os mecanismos de dominação operantes na teologia cristã e nas práticas institucionais, investigando como esses elementos impactam a identidade e as experiências das mulheres nas comunidades religiosas. A partir desse olhar crítico, pretende-se não apenas mapear a reprodução dessas estruturas dentro das igrejas, mas também identificar fissuras e possibilidades de resistência que possam contribuir para sua desconstrução.

3. Contexto do campo

Para compreensão do contexto no qual o campo da pesquisa se deu, vale traçar um breve panorama no que tange o metodismo e a Igreja Metodista de Poços de Caldas para, então, valer analisar as produções de sentidos pelas práticas discursivas das jovens participantes dos grupos focais.

O metodismo surgiu no século XVIII, na Inglaterra, em meio ao contexto da Revolução Industrial, através de reuniões em nome do cultivo da piedade cristã e postura rigorosa pelo discipulado cristão, vigiando continuamente as suas vidas e comportamento, numa constante reavaliação de si e da comunidade – o que levou os participantes do “Clube Santo” a serem chamados de metodistas. Assim, o metodismo aparece como um movimento interno da Igreja Anglicana, fundado por Charles, John Wesley e George Whitefield, e a teologia wesleyana pode ser sintetizada em cinco pilares: Bíblia, tradição, experiência, razão e criação, através dos quais seria possível alcançar a eclesiologia almejada, que reconcilia elementos da tradição protestante (como Palavra/Bíblia, sacramentos e ordem/tradição) e da tradição pietista (como experiência, santidade, comunhão e oração) através da missão disciplinada de participar na salvação (Plaça, 2009). Uma vez que Wesley vivia no ambiente universitário e fora neste que o metodismo emergiu, a preocupação com a educação sempre foi primeira - templo e escola eram aspectos complementares em sua obra de salvação.

A teologia e os princípios doutrinários metodistas estavam profundamente integrados à prática, refletindo a união entre teoria e ação. John Wesley desenvolveu uma teologia do caminho experencial da salvação social, uma abordagem concreta da vida,

considerando as práticas e necessidades pessoais e sociais que se manifestavam sob a influência da graça divina.

Com a colonização das 13 Colônias, famílias e missionários metodistas foram para os Estados Unidos onde se empenharam em influenciar a nova sociedade. Em 1784, foi formada a Igreja Metodista Episcopal, a primeira igreja independente da Igreja Anglicana – antes mesmo disso ocorrer na Inglaterra – e, por volta de 1860, a igreja já administrava mais de 200 escolas metodistas. Lá, no entanto, tomou um rumo distinto em decorrência do cenário econômico e político local. No Brasil, por sua vez, o metodismo chegou por essa matriz norte-americana, mas, de forma particular, preservou o modelo educacional inglês, voltado para a formação integral da pessoa e o aperfeiçoamento do caráter humano.

O protestantismo no Brasil desenvolveu-se em três níveis distintos: o polêmico, marcado pelo confronto direto com os católicos na ocupação de espaços sociais; o educacional, com a criação de colégios e escolas dominicais; e o proselitismo, que consistia no esforço ativo de converter católicos ao protestantismo. (Silva, 2017). Esse cenário coincidiu com o movimento de laicização do Estado, que enfraqueceu a hegemonia católica, e com o projeto republicano de educação como instrumento civilizador. A herança norte-americana contribuiu para o distanciamento da Igreja Metodista do seu compromisso social original, ao mesmo tempo em que a entrelaçou com uma perspectiva político-econômica neoliberal. No Brasil, o metodismo foi fortemente influenciado por teologias conservadoras, com inclinações políticas e ideológicas de direita, devido à sua inicial falta de uma identidade nacional autônoma. (Ferreira Junior, 2021).

No século XIX, mulheres metodistas estadunidenses organizaram-se em sociedades femininas como forma de abrir espaço para sua atuação na Igreja, essas sociedades, inclusive, começaram a arrecadar recursos para apoiar missões fora dos Estados Unidos, tarefa para a qual a Igreja até então não tinha fundos disponíveis. (Silva, 2017). As mulheres desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento do metodismo no Brasil, estrangeiras e brasileiras. Dirigiam reuniões, liam e distribuíam a Bíblia, fomentando o diálogo sobre religião e preparavam o terreno para os missionários implantarem igrejas a partir das bases que haviam construído. (Ribeiro, 2011).

No Brasil, as mulheres metodistas fundaram a primeira Sociedade Metodista de Senhoras em 5 de julho de 1885, na Igreja Metodista do Catete, no Rio de Janeiro. Em

muitos casos, essas sociedades eram organizadas antes mesmo da instalação de uma igreja local, como é o caso de Poços de Caldas – os primeiros missionários se instalaram na cidade em 1906, na primeira década do século XX já havia lá a Sociedade de Senhoras (Ribeiro, 2011) e em 1920 foi inaugurado o templo da Igreja Metodista de Poços de Caldas (Santos, 2018).

A história do metodismo em solo brasileiro foi marcada por uma prolongada tensão missionária entre evangelização e ação social (Santos, 2018). A chegada de missionários estadunidenses trouxe propósitos proselitistas e uma tradição de colonialidade. No entanto, o espírito wesleyano e a consolidação das tradições metodistas, influenciadas pelo contexto nacional, levaram a uma crescente preocupação com questões sociais.

4. A experiência intersticial das mulheres metodistas

Enquanto o “sujeito” é situação de alta valia para a política, há uma construção política do sujeito que se vincula a determinados objetivos de legitimação e exclusão. O poder é um fenômeno da interioridade e da subjetividade, e por isso o sujeito se faz pelas experiências que vive, o que constitui um processo complexo e histórico de produção, no qual se intercambiam os diferentes discursos que vão definir a verdade de cada sujeito, as práticas que regulam seus comportamentos e subjetividades, através de dispositivos que produzem a experiência de si (Santos, 2017).

Dentro da cultura, em comunidade, os sujeitos produzem sentido, atribuem sentidos de valor, ao interagirem, produzem sentidos e valores culturais, esses retroagem sobre os sujeitos condicionando-os (Santos, 2017). Isso ocorre dentro de uma congregação religiosa.

A religião não é uma esfera independente da sociedade e sua entrada para o social se dá através das vias da subjetividade. É necessário considerar as relações, uma vez que a sociedade é um conjunto de interações dadas por tais relações e que a partir delas, se pode acessar o todo na sociedade (Toledo-Francisco, 2002). Explica-se, as subjetividades se encontram nas relações e interagem de forma que criam condições e cenários particulares, disso se tem a esfera da religião, o que de mesmo modo ocorre dentro desta, reciprocamente. Enquanto relações se dão como processos, com dinamismo (da mesma

forma como os posicionamentos identitários), as relações sociais são sempre relações de tensões e poder em um dado cenário.

A alteridade/oposição, faz com se sejam construídas novas formas e configurações de relações, assim, uma sociedade é formada por processos de interação que levam os indivíduos à tendência de exercer influências uns sobre os outros. Dessa forma, se organizam cooperativamente, criando estratégias e acordos, criando uma unidade (associação). “Só quando se produz a ação de uns sobre os outros é que a coexistência se converte em sociedade” (Simmel apud Toledo-Francisco, 2002, p. 23).

A partir da pesquisa de campo, pode-se observar a relação que se estabelece com as experiências das participantes, comum à Igreja Metodista de Poços de Caldas. Escola, trabalho e faculdade são meios nos quais elas convivem, constroem relações, são as que ocorrem no núcleo da religião: acampamentos, festas gospel, células e ministérios. Um ambiente de alto impacto para este grupo é o teatro - um espaço nuclear onde ocorrem as interações sociais das participantes da pesquisa, estando em contato com pessoas similares, pessoas que as influenciaram a ir para a Igreja Metodista, e com pessoas muito diferentes, de outras crenças, o que leva a uma formação de sociedade entre si, por compartilharem desses espaços.

As instituições apresentam uma determinação simbólica, que nesta não se esgota. Ocorre um processo de cristalização dessas estratégias como instituídas, passam a agir de forma autônoma em relação aos indivíduos e exerce influência sobre eles, por sua vez. Estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade e por isso pode-se afirmar: por meio de um processo de interiorização do indivíduo, há compreensão e apreensão da realidade social e institucional, esse processo de interiorização leva à socialização, o indivíduo se torna parte da sociedade (Toledo-Francisco, 2002). Assim, esse processo passa a ser subjetivamente dotado de sentido. É por esse caminho que “a religião reorganiza as significações do indivíduo sobre si mesmo e sobre o mundo, concedendo-lhes novos referenciais simbólicos” (Toledo-Francisco, 2002, p. 28). É assim que se adota a explicação religiosa do mundo.

Ocorre, de fato no campo, uma apropriação ativa e individual de papéis e identidades (posicionamentos identitários) que concordam com a ordem e explicação de mundo fornecidos pela religião enquanto canal de socialização. Ainda que uma

individualidade radical não exista na socialização, sempre é possível haver significados individuais que não integram o nomos comum (Toledo-Francisco, 2002).

Isso é evidente ao passo que, durante as discussões da pesquisa de campo, toda uma linguagem particular do contexto surgia, que era estranho para a pesquisadora, necessitando de explicações.

Assim, a comunidade religiosa atua como um espaço de reorganização e ressignificação das possibilidades de vida, respondendo à demanda por uma espiritualidade capaz de enfrentar os desafios do mundo atual (Plaça, 2009). Inseridas em um ambiente que vai oferecer uma determinada visão de mundo e possibilitar diferentes estratégias de ser diante dos dispositivos lá agentes, a aversão ou conflito com o mundo não aparecem. As participantes da pesquisa de campo frequentam ambientes diversos e se relacionam em nível social com pessoas não cristãs. Todavia, existem diferenças inegáveis em suas vidas e valores. Ao se colocarem diante da alteridade percebem:

Eu acho que eu vejo mais por essas diferenças que dá mesmo. É. Pode ter a ver, eu acho um pouco com a religião, eu acho. Tipo assim eu tenho as festas gospel. [...] Cara, assim, eu acho que a religião faz a gente ficar um pouco mais jovens idosos. [...] Aí a gente vê essa diferença, então o meu conceito de jovem... É complicado, né? Mas eu não me vejo muito assim. [...] É muito gostoso, a gente diverte muito, só que pessoal de fora, assim, acham que a gente não se diverte por conta de doutrinas que a gente segue (D)².

Dessa forma, ainda que haja diferenças, não é algo que interfere nos afetos, causando algum desconforto, pois se veem como uma comunidade de iguais.

Esta articulação entre indivíduos, entre indivíduos e instituição, dada pelas relações é tal a depender de condições e efeitos determinados a partir de ação comunitária, a partir das vivências, representações e sentidos subjetivos. Não é definitiva e nem totalmente abstrata de modo que não possa ser apreendida, há uma dinâmica criativa da sociedade considerada, do campo (Toledo-Francisco, 2002).

Como um quebra-cabeça que permite diferentes encaixes, a comunidade religiosa cumpre a função de reorganizar e dar novos significados às possibilidades existenciais dos membros. Ainda que institucionalmente, tradicionalmente, haja uma proposta delineada, foi visto que essas posições podem variar e se adaptar de acordo com os

² Fala coletada em entrevista, realizada em 07 de setembro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 18 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

contextos. Igualmente, os fiéis se veem em relações que abrem espaço para uma apropriação seletiva da cultura da instituição, bem como das outras relações em que tomam parte. Por exemplo, o discurso hegemônico da instituição religiosa fornece explicações sobre os papéis de gênero e configurações de suas relações, os fiéis são capazes de reinterpretar esse discurso, formando novas configurações a partir de novas significações e interações (Toledo-Francisco, 2002).

Nesse sentido, é possível notar que “a juventude metodista está orientada pela ortodoxia wesleyana há quase três séculos. Entretanto, responde de maneira diversa segundo o contexto sócio-político no qual está inserida, influenciada especialmente por suas marcas culturais” (Plaça, 2009, p. 139). Isso pode ser notado pelo cenário pintado pelas participantes da pesquisa de campo, resultado de uma insatisfação perante a organização ministerial e que levou a uma mudança no perfil da liderança da juventude metodista em Poços de Caldas.

Há um deslocamento evidente do religioso para fora de seus espaços tradicionais, com presença nas esferas políticas, econômicas, e em outros espaços da vida secular, mesmo que a vida moderna tenha empreitado na secularização do discurso. O religioso é mais cotidiano do que se admite. O que é observado no campo todas as vezes que as participantes mencionam que aquilo tudo que fazem no dia a dia fora da igreja é levando em conta a vida de Cristo como exemplo, além de reconhecerem um aspecto cultural da religião, que já virou “costume”. O que é, realmente, corroborado pela teoria que diz do poder enquanto continuidade e da cotidianidade do poder.

Ao mesmo tempo, tradição carrega consigo um aprisionamento em potencial. Sendo um compilado de costumes e símbolos em favor de um modelo hierárquico e piramidal da Igreja que imprime essa hierarquização dentro da congregação das participantes, com uns se sentindo “*mais crentes que outros*”.

Vê-se a importância da conversa para manutenção e reconstrução da realidade subjetiva dos sujeitos, entendendo essas interações como aberturas e encontros criadores de posicionamentos identitários subjetivos e institucionais, conferindo contornos (Toledo-Francisco, 2002).

Por outro lado, autonomia aparece como ponto chave para manutenção de uma realidade institucional que vai de encontro com as diversas possibilidades de



posicionamentos dos membros, o que parece ser presente na Igreja Metodista do Brasil como pode-se investigar atualmente.

Assim, são notáveis dois pontos:

1) as participantes da pesquisa de campo têm em suas vidas a centralidade da igreja, da religião, contudo, não deixam de ter gostos, sonhos e momentos que “nada” têm a ver com cristo. Por exemplo os planos para a vida da participante C, embora no momento centrados para o compromisso ministerial na igreja, pensa para os próximos anos de sua vida:

quero muito conhecer lugares diferentes. Né? [...] Então a gente faz as viagenzinhas curtas... Quando dá, né? Só que assim eu tenho expectativas, assim de... A longo prazo, viajar para muitos lugares diferentes, conhecer muitos lugares, sabe? Comer muita comida diferente, porque eu amo comida. [...] Eu não quero deixar a C de lado, mas agora eu vou ter que priorizar uma... A igreja, sabe? E é a primeira vez desde que eu me converti assim, sabe, que eu vou precisar priorizar a igreja, primeira vez (C)³.

2) de certo modo vivem de acordo com aquilo que consideram planos de Deus para si, vê-se:

Mas eu acho que hoje em dia eu entendo que ser útil para Deus é ser obediente, sabe? Tipo assim, se ele mandar eu ficar em Poços, como ele mandou nesses últimos meus 23 anos de vida, eu estarei aqui, entendeu? É tipo, é estar onde ele quer que eu esteja. No momento em que ele quer que eu esteja, então eu acho que o meu plano assim, né? Tanto que eu falei, isso é um... Sonho, né? Tá, mas eu acho que em primeiro lugar, antes, né... Dos sonhos e planos. Vem, tipo, a minha obediência ao tempo dele também, sabe? (B)⁴

É de entender assim, o que que ele tem para mim? Assim, parece algo muito assim... Tipo assim, é loucura. O que ela quer é o que Deus quer para ela. Mas não, é algo que eu sei que não era para eu estar nesse lugar, entendeu? Eu sei que não é meu. [...] Eu acho que não é [...] Tipo assim, nossa, eu vou fazer só porque Deus me chama para fazer. Mas ele vai colocando amor assim, sabe? Tipo assim, não é algo que ele vai fazer tipo, ser chato assim, sabe? A gente vai escrevendo junto. [...] Vai ter, vai ter... Um toque da A, entendeu? (A)⁵.

³ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de novembro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

⁴ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de novembro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

⁵ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de novembro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 21 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.



As religiões são imbuídas de poder repressor, mas também de poder libertador e curativo. A religião, bem como a política são feitas por pessoas e dessa forma as ambiguidades e contradições dessas esferas se misturam entre si e com a vida humana. Mas vale reconhecer o momento e espaço de cada coisa. Nem a política nem a religiosidade são estéreis. “É antes de tudo religiosidade vital que conecta a vida com a vida no imediato, no cotidiano, que faz bem e possibilita o nascimento de coisas novas até na política” (Gebara; Sung, 2020, p. 77). Há na vida humana uma dimensão misteriosa, que pode levar muitos nomes e palavras, que chama não dogmas rígidos ou instituições, mas verdades que passam pelos sentidos do corpo. (Gebara; Sung, 2020).

É possível se deparar com a seguinte compreensão dentro de instituições religiosas:

Mas depois que eu virei cristã, eu parei de me comparar com os homens, tipo, eu não preciso mais me comparar. Tipo, não preciso me comprar com mais nenhuma outra mulher. Eu não preciso me comprar com homem nenhum [...] Antes de conhecer a Cristo me comprava muito, eu me comparava muito com outras mulheres. [...] Isso era muito frustrante para mim. Sabe, quando eu conheci a Cristo... Cristo falou assim, você é a única. [...] E assim, quando comecei a ler a bíblia e até pensando assim, num contexto de igreja mesmo, também eu comecei a perceber o valor da mulher para Deus (C)⁶.

Há uma segurança diferente quanto às diferenças de gênero, pois o arrebatamento poderoso atinge a todos similarmente. Na relação com deus não há diferença pois se entende que ele fez todos os seres igualmente livres, igualmente valorosos; o que, certamente, é reforçado por um *habitus* que ao mesmo tempo naturaliza e apaga as diferenças.

O problema é simplesmente quando este quadro não reverbera na realidade social fora da religião, já que um espaço seguro, que se pode ser quem se é sem inseguranças ou julgamentos como este é imensamente positivo para a saúde psíquica e autoestima dos indivíduos. É um espaço que abrange as diferenças e contradições próprias de cada pessoa.

Para além de uma teoria dada, o trabalho se apoia na epistemologia da construção e na apreciação daquilo encontrado empiricamente no campo, visando a análise de

⁶ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.



práticas discursivas como produção de sentido, vale explorar o aspecto humano e subjetivo da experiência.

A experiência é aquilo que emerge a partir das relações de sentidos estabelecidas no mundo-da-vida, de forma radicalmente subjetiva (Mahfoud; Massimi, 2008). De tal modo, o trabalho geral da pesquisa teórica é de reconhecer e registrar o mundo, porém no campo são despertadas as experiências das jovens participantes, o mundo-da-vida delas, propriamente dito, que precede qualquer disposição teorética. É através das experiências descritas que se facilita chegar aos sentidos, ao que elas experimentam e entendem como modos de serem elas mesmas e de serem metodistas, componentes de seus posicionamentos identitários.

Nas falas das entrevistadas podemos encontrar os sentidos subjetivos que são compreendidos hermeneuticamente pela comunidade religiosa, mas imprimem uma experiência essencialmente particular do encontro com Deus. Por exemplo, a seguinte fala:

O meu desejo, que eu tenho orado para Deus, é para que a Juventude reconheça que todo mundo precisa de Cristo. Tipo, a pessoa pode parecer perfeita, mas ela não é. Tipo, a pessoa pode parecer, é crente. Tudo que acordo faz jejum... Faz não sei o que lá. Mas se a pessoa não é... Essa pessoa carece de Cristo tanto quanto a outra. E, tipo, a minha luta pessoal assim é para que todo mundo perceba que todo mundo é muito ruim e todo mundo precisa de Cristo, porque, tipo, é isso que faz a gente ir para Cristo. Ninguém vai pra Cristo porque tá perfeito. Por isso que tipo, é difícil as pessoas ricas se converterem, porque elas já têm muitas coisas. [...] Quando acontece um monte de coisa errada você percebe que você precisa de Cristo. Né? E assim, às vezes a gente fica falando algumas coisas ou até mesmo disciplinas espirituais, como se aquilo fosse suprir um lado espiritual que, na verdade, só Cristo pode te suprir. Porque eu acordar e ler a bíblia todo dia, aí eu tenho dinheiro, aí o meu casamento é perfeito e aí eu tô no trabalho dos sonhos. E aí eu acho que eu estou ótimo com Cristo. [...] (C)⁷.

Mostra que teoricamente, os textos e as doutrinas indicam um caminho, mas suas vivências, levam a uma interpretação que influencia diretamente na forma como vive e como vive em comunidade. O que, por vezes, pode ser e é compreendido diferentemente, levando a outras posturas. Enquanto a participante C encara essa ‘ruindade’ essencial

⁷ Fala coletada em entrevista, realizada em 20 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.



como uma oportunidade, outras pessoas podem se ofender, podem ter suas crenças ‘quebradas’ por tal percepção.

Por outro lado, a atenção que a participante C dá para essa igualdade e humildade perante Deus, a participante B demonstra não se repetir necessariamente na instituição:

[...] mas eu acho que às vezes é um pouco isso, sabe acho que às vezes a igreja tende um pouco a deixar a gente um pouco assim, sabe? Tipo, parecer que tá bem, mas é uma coisa que eu estou constantemente lutando contra, mas no geral eu me sinto em casa, é isso (B)⁸.

Enquanto fundamentalismos se dão como estruturas rígidas que limitam as nuances da experiência humana, sem permitir a fluidez dos posicionamentos identitários, é bom e útil não confundir isso com fundamentos necessários ao pensamento e aos modos de ser. Enquanto há, também, uma ordem de mundo que se pronuncia e se vive sem refletir sobre o sentido disso de forma própria por cada um, os indivíduos passam a se guiar por uma ideia de ‘dever ser’ imaginário, por pensar o mundo de modo banalizado, imediato e superficial ser praticamente o esperado, se distanciando das dores da história pessoal e coletiva de cada pessoa e comunidade (Gebara; Sung, 2020).

A ideia de ‘dever ser’ faz o caminho contrário da possibilidade de ‘ser mais’ que amplia o sentido humano mais próprio de cada pessoa. Na igreja pode ser muito concreta a ideia do que se deve ser, qual é o projeto de Deus para cada um, e quando se desvia disso, dentro da igreja, existe muita pressão e sofrimento mental acarretado, o que muitas vezes inibe a potencialidade de ser mais humana. “Acolher a desestabilização e a desorientação como desafios para a criatividade contínua da vida é, até certo ponto, aprender a saborear a história humana na sua complexa e limitada criatividade temporal” (Gebara; Sung, 2020, p. 9). Ou seja, lidar com o incompreensível não é concreto, não é certeiro. Nesse sentido, as verdades divinas de Deus são uma regra, uma norma, que não deveria ser aplicada em um contexto de incompreensível.

Ao observar o relato da participante B, é possível notar o impacto de tal questão em sua vida pessoal, além de ser um incômodo alocado na instituição:

Foi uma fase que a gente viveu, assim como Juventude também é, mas eu acho que é a minha... Questão tem um pouco a ver com é a minha história mesmo. Eu estou na igreja desde sempre e nessa igreja específica eu estou desde os 6 anos. E eu acho que eu comecei a pegar

⁸ Fala coletada em entrevista, realizada em 20 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

muito, tipo a liderança dos juvenis e tal pegar coisas, né? [...] Vamos dizer, não destaque, mas tipo assim, lugares de evidência, vamos dizer assim, é, muito cedo. Então eu acho que isso colocou para mim uma, tipo assim... Meio que um dever de "você tem que se apresentar assim." Um exemplo para todos, sempre. E isso começou a ser um pouco fardo para mim, sabe? De um tempo para cá, então, eu acho que, é, perceber... [...] De tipo, você tem que estar bem e tem que dar algo pra pessoas. Não tipo, não demonstrar vulnerabilidades e tal, e eu percebo que isso é uma coisa que afetou até as minhas relações de amizade, sabe? [...] Então eu percebo que foi uma questão de criação mesmo, do ambiente que eu cresci assim, né? Desde adolescente e acho que essa fase da... Essa fase da vida determina muitas coisas que a gente... Como a gente vai ser, né? Quando a gente crescer e tal. Então eu acho que esse lugar, assim que eu fui colocada desde muito cedo, gerou um pouco isso em mim (B)⁹.

É pela tradição fundamentalista que ocorrem os desconfortos mencionados nas entrevistas. A partir dessa noção da presença de um espírito fundamentalista nos posicionamentos identitários é possível encarar como a ideia de verdade, ou de vontade de verdade, é posta em prol de um discurso dispositivo de poder, e como isso tudo se sustenta em uma malha de relações de poder que perpassam os corpos e os processos psíquicos da sujeição e da performatividade (identitária e de gênero) dos crentes. (Campos, 2018). Em nome de um verdadeiro intercâmbio de perspectivas sobre o mundo, é imprescindível deslocar o protagonismo do grupo dominante e adotar uma abordagem epistemológica que valorize a diversidade de conhecimentos, sem hierarquizá-los (Pui-Lan, 2015).

Dado que a comunhão e o Credo Social são grande parte da teologia de John Wesley, entende-se que tais aspectos não se dão senão no encontro com a alteridade, então ao olhar para a experiência metodista não se pode esperar uma experiência que vá “superar todas as contradições, os paradoxos, as sombras, as dúvidas porque elas são realidades do nosso próprio ser. [...] esta atenção, é parte de [nossa] responsabilidade social” (Gebara; Sung, 2020, p. 22).

Em relação aos diferenciais de poder (Ribeiro, 2018) encontrados no metodismo, pode-se entender que a igreja metodista é permeada pelos mesmos diferenciais que a sociedade como um todo – questões econômicas, questões de gênero, questões de etnia, entre outras. Podemos notar isso quando a participante A diz que:

⁹ Fala coletada em entrevista, realizada em 20 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.



Quando a gente fica jovem, eu acho que a gente entende mais o mundo assim... Tipo como que é desigual algumas coisas. Acho que isso que é uma das dificuldades. Tipo assim, entender porque tem que ser dessa forma. Às vezes é decepcionante assim, aí quando você vai entendendo como que é o mundo e a posição que cê tá... (A)¹⁰.

Por outro lado, o metodismo está em uma outra dinâmica de diferenciais de poder dado que é uma igreja histórica, de religião cristã, e simplesmente por isso, em vantagem em relação a outras religiões e igrejas marginalizadas. O que, coloca em uma tênue linha posicionamentos tolerantes/intolerantes. Pode-se perceber que há abertura para ‘conhecer’ outras crenças, mas a validade da verdade ainda permanece no discurso hegemônico. A rigorosidade do método, de certa medida, coloca em xeque a flexibilidade que comporta melhor as diversas experiências religiosas.

A estrutura organizacional rígida das religiões e igrejas muitas vezes desconsidera as subjetividades individuais, limitando a autonomia de seus membros (Pui-Lan, 2015). A construção do "eu" ocorre de maneira cíclica, e diferentes experiências podem ampliar as possibilidades de existência e expressão do desejo de cada indivíduo, promovendo transformações nas percepções e nos pontos de vista. Os seres humanos são fluidos e mutáveis, com vivências terrenas e desejos próprios, que frequentemente desafiam as verdades universais e divinas atribuídas a Deus (Guimarães, 2019). Dada a construção espiral dos posicionamentos identitários, fica relativamente evidente a dificuldade do desencontro do diálogo entre a propriedade do ser e o objetivo da felicidade humana. É difícil reconhecer as contrariedades do caminho para ser mais feliz (Gebara; Sung, 2020), ecoa as divergências entre o que se é, o que se deve ser e o que realmente se quer ser.

A participante C retrata essa disputa interna de seus posicionamentos identitários, entre suas vontades próprias/naturais e aquilo que deseja ser como cristã:

Eu sinto que a nossa natureza é totalmente individual e é totalmente... [...] A nossa natureza é individual e egoísta, né? E aí Cristo tem o evangelho muito contrário, né? [...] Então assim, a gente é tão pequeno, tão... E aí assim a gente abre mão da nossa individualidade, do nosso ego, tentando imitar a Deus, mesmo sendo totalmente é... Mesmo sendo totalmente não natural pra gente. Tipo, eu faço isso [...]. Supostamente, a bíblia diz assim, quem crer e for batizado é salvo, quem crer e for batizado. Mas cê começa a... Você começa a amar tanto a Deus, tanto a Cristo que você quer ser essa pessoa. [...] Cristo não fez o que foi melhor para ele. Cristo morreu na Cruz pela gente, então a gente tem que morrer na Cruz pelos outros, né? E é muito louco, porque a gente... E assim, a

¹⁰ Fala coletada em entrevista realizada em 07 setembro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.



gente quer ser malvada, a gente quer ser impaciente, a gente quer ser indiferente com as outras pessoas. A gente quer ser, a gente quer fazer o melhor para nós. Isso é totalmente natural. Só que aí a gente olha para o nosso Deus, que inspira a gente a fazer algo diferente (C)¹¹.

A negação de emoções e desejos humanos, como de possibilidades de ‘ser mais’, são como fundamentalismos que agem em prol de uma manutenção da ordem, onde só se funciona em uma lógica do que ‘se deve ser’, entrando em contradição e levando ao sabor amargo de viver uma vida ambígua. Porém, a experiência das participantes da pesquisa de campo mostra que, para elas, seguir o que se deve ser, como compromisso com Cristo, é o que vai, ao contrário, afirmar sua liberdade, sua humanidade e vai levá-las ao caminho de paz da salvação.

Wach (1967) aponta que toda experiência envolve a relação entre um sujeito e um objeto. Nesse sentido, a experiência religiosa surge como uma resposta à realidade essencial vivenciada e é composta por três elementos hierárquicos: o intelectual, o afetivo e o volitivo. Assim, essa experiência envolve a totalidade do ser humano. A experiência religiosa, portanto, exige que o indivíduo seja plenamente ele mesmo, revelando tanto as maiores quanto as menores possibilidades do existir (Wach, 1967).

Enquanto isso, encontram-se nos meios religiosos uma experiência intensa diante da dissolução de instituições fortes e da diluição das identidades na pós-modernidade, dessa forma a reação contra as incertezas do mundo culmina em uma volta agressiva, muitas vezes, à ortodoxia e tradição nos contextos cristãos, rejeitando as novidades do período contemporâneo. Ao dizer de ortodoxia e tradição, pode-se recorrer à discussão acerca de princípios e valores que guiam as vidas das participantes da pesquisa de campo.

Neste momento, a conclusão comum foi que além de valores pessoais, o princípio que guia todas é Cristo; ter Deus no centro de suas vidas e refletir Cristo, como continuações dele, em cada momento de suas vidas. Porém, notam uma diferença entre viverem assim como cristãs livres e serem aprisionadas por uma rigidez ortodoxa, que chamam de “*ser bitolado*”.

Mesmo partindo de uma mesma descrição bíblica pode-se observar como a questão do ser mulher se desdobrou dado que, ao levarem em consideração para suas experiências próprias do ser mulher aquilo que está delineado em Provérbios 31, se

¹¹ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de novembro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 21 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

deparam com divergências nas experiências de vivenciar esse princípio. A conclusão comum foi de que: “Eu acho que a mulher tem que ser adaptável mesmo. Acho que é uma grande palavra, sabe que eu nunca tinha pensado nisso, porque a mulher que tem que se adaptar a necessidade (C)¹². ” Diante do que a participante B diz:

Tipo assim, eu acho que esse é um problema para mim, sabe? Você querer ser tudo ao mesmo tempo, porque eu já tenho um problema natural de querer estar em... Vários lugares ao mesmo tempo. [...]. Mas eu acho que eu como mulher também, tipo, ser tudo, sabe? Ser tudo ao mesmo tempo e ser tudo de uma vez e ser tudo muito bem, sabe? [...]. Então eu acho que é uma dificuldade para mim como mulher. [...]. Eu acho que... É uma consequência. Porque é igual a gente colocou isso. Ah, ser mulher é ser adaptada, aí de repente eu não consigo ser. Como assim? [...]. Eu não sou mulher de... Verdade? (B)¹³.

O que fica é o sentimento de que, diante dos grupos focais e falas das participantes, o poder de Deus é, sim, o sentido de tudo o que fazem e responder. Isso pois responder ao poder do poderoso é como um ato de amor, quase sempre sacrificial; a luta contra o mundo é difícil, mas é mais fácil por ser pelo amor Dele. Entre teorias e hipóteses numerosas, os entremeios das discussões da pesquisa de campo que visavam elucidar os pontos descobertos pelo referencial teórico até aqui apresentado, apontam um sentido diferente, simplesmente humano. Falas como:

Eu tenho medo de... Não ser tipo realizada, então por isso que eu faço tudo o que eu acho que vai me realizar. É. Mas eu acho que é isso. Eu tento não... Eu vou tentar abraçar tudo e não fazer sacrifício, mas quando não dá, é tipo uma frustração como se eu não tivesse vivendo (A)¹⁴.

Mostram que ser jovem, ser mulher, ser metodista, é simplesmente mais uma forma de “ser gente como a gente”, com sonhos, medos, alegrias e decepções.

Considerações finais

Diante dos sentidos encontrados nas práticas discursivas retratadas nos grupos focais, vota-se que a juventude feminina da Igreja Metodista de Poços de Caldas marca

¹² Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

¹³ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.

¹⁴ Fala coletada em entrevista, realizada em 05 de outubro de 2024, nas dependências da igreja, por mulher de 23 anos, membra da Igreja Metodista de Poços de Caldas.



um encontro frutífero entre aquilo visto como efeitos do poder positivo mantido pela instituição, e aspectos contemporâneos que marcam os posicionamentos identitários como fluidos e criativos de si mesmos. O poder dissipado pela linguagem religiosa, que determina a continuação e retorno-a-si de um soberano do poder (Deus), ao mesmo tempo que produz formas de ser úteis para a manutenção dessa instituição, através de dispositivos que tornam as relações altamente mediadas e livres, também reflete um ambiente de pessoas engajadas no método e na reavaliação daquilo que reproduzem.

Decerto, tal movimento colabora para uma similar reavaliação de si mesmas, assim, não permanecem em identidades determinadas e fechadas, mas abertas a mudanças de posicionamentos identitários, especialmente nos espaços privados de suas vidas. Enquanto publicamente se veem no dever de manter a imagem continuada de Cristo, na intimidade da igreja e dos grupos de pessoas cristãs que fazem parte, revelam suas ambiguidades, dissonâncias e conflitos.

A sustentação teórica conduzida a partir das contribuições de Michel Foucault, Byung-Chul Han e Rom Harré criou uma articulação que possibilitou uma análise ampla das relações de poder dentro das instituições religiosas, bem como do processo de construção identitária das jovens entrevistadas. Os conceitos de disciplina, subjetivação, resistência e posicionamento identitário foram cruciais para compreender como a identidade metodista se manifesta no cotidiano das participantes.

Dentre os resultados mais relevantes, destaca-se a constatação de que as jovens metodistas não são meras receptoras passivas dos discursos institucionais. Ao contrário, elas desempenham um papel ativo na ressignificação de sua fé, utilizando estratégias individuais e coletivas para afirmar suas identidades dentro e fora do espaço eclesiástico. Isso evidencia que a identidade religiosa não é fixa ou imutável, mas sim um processo dinâmico, em constante reconstrução.

Outro ponto fundamental da pesquisa foi a análise do papel da mulher dentro da Igreja Metodista. Ainda que algumas jovens percebam avanços na participação feminina na comunidade, outras relataram desafios e barreiras que limitam seu engajamento em certas funções eclesiásticas. Essa realidade reflete a necessidade de aprofundamento da discussão sobre gênero e religião, considerando as tensões entre tradição e mudança dentro das instituições religiosas.

Além disso, observou-se que o pertencimento religioso não é um fenômeno isolado, mas interage com outras dimensões da vida social das jovens. Redes de sociabilidade, experiências acadêmicas e até mesmo o uso das mídias digitais influenciam a forma como a fé é vivida e expressada, resultando em identidades religiosas fluidas e multifacetadas.

No que tange à relação entre a juventude e a Igreja Metodista, os desafios apontados são inúmeros. A dificuldade em manter a adesão dos jovens às práticas religiosas tradicionais, a necessidade de diálogo com as novas gerações e a adaptação a um mundo cada vez mais secularizado são questões que exigem maior atenção das lideranças religiosas.

Na teoria há diversas possibilidades de leituras e compreensões, porém é o campo que desperta veredas inesgotavelmente ricas para a pesquisa. Se há vontade de dizer de uma realidade, é preciso deixar a realidade vivida se mostrar. Dessa forma, o trabalho apresenta uma parte ínfima dessas aberturas, o que, por si só, também é um desafio. Enquanto se apresenta o caráter polimorfo das formas de ser e tudo que isso influí, a pesquisa se molda por recortes. Em vez de se chegar a conclusões, se chega cada vez a aberturas.

Pensar o mundo é uma tarefa limitada e laboriosa. Dentre o caminho estreito passear com a ideia utilitarista de sempre querer aplicar a teoria na prática pode ser impositivo e ineficaz. Olhar para a vida e para as pessoas de forma limitada, controlada, não abarca os desafios atuais e a responsabilidade humana por uma vida harmoniosa. Talvez essa seja a conclusão possível.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Breno Martins. O Fundamentalismo Avant la Lettre no Brasil: uma leitura do movimento missionário protestante do século XIX. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Espiritualidades contemporâneas e direitos humanos*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018. p. 263-285.

FERREIRA JUNIOR, Marcelo Soares. *Neoliberalismo em confronto com a sensibilidade social no metodismo brasileiro*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GEBARA, Ivone; MO SUNG, Jung. *Direitos Humanos & Amor ao Próximo: textos teológicos em diálogo com a vida real*. São Paulo: Recriar, 2020.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista*. 1. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone; MO SUNG, Jung. *Direitos Humanos & Amor ao Próximo: textos teológicos em diálogo com a vida real*. São Paulo: Recriar, 2020.

GUIMARÃES, Daiana C. *A vivência de ex-seminaristas arquidiocesanos do Sul de Minas Gerais*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas.

HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Hegel e o Poder*: um ensaio sobre a amabilidade. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARRÉ, Rom. Positioning: *The Discursive Production of Selves*. Journal for the Theory of Social Behavior, v. 20, n. 1, 1990.

MAHFoud, M.; MASSIMI, M. *A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia*. Memorandum, [Belo Horizonte], n. 14, p. 52-61, 2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/mahfoudmassimi02.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2024

PLAÇA, Joyce Torres. *A juventude latino-americana e a eclesiologia wesleyana: rejuvenescendo a tradição e a igreja*. Caminhando, São Bernardo do Campo, v. 14, n. 1, p. 137-148, jan./jun. 2009. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/Caminhando/article/vie_w/1_071. Acesso em: 14 dez. 2024.

PUI-LAN, Kwok. *Globalização, gênero e construção da paz*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

RIBEIRO, Claudio. As noções de polidoxia e de diferenciais de poder no contexto da relação entre imaginários e diálogos inter-religiosos. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Espiritualidades contemporâneas e direitos humanos*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018. p. 29-57.

RIBEIRO, Margarida Fátima Souza. Trajetória das mulheres metodistas: memória, presença e desafios. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 16, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276384446_Trajetoria_das_Mulheres_Metodistas_Memoria_Presenca_e_Desafios. Acesso em: 14 dez. 2024.



SANTOS, Ana Paula Rufino dos. *A sociedade moderna e a problematizações da experiência: o sujeito como prática de subjetivação*. Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 16, n. 1/2, 2017. Disponível em: <https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/2276>. Acesso em: 14 dez. 2024.

SANTOS, Lays Rocha Moreira. *A vida na missão do metodismo poços-caldense: uma análise crítica sobre a práxis missionária no âmbito da ação social à luz do Plano para a Vida e Missão*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SANTOS, Valter Borges dos. *Origem e institucionalização da Igreja Metodista wesleyana*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SILVA, Christiane G. G. *O protagonismo feminino no projeto missionário do metodismo norte-americano no Brasil: uma análise do “Woman’s Missionary Advocate” (1880-1910)*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SPINK, M. J. P.; GIMENES, M. da G. G. *Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença*. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 149-171, 1994.

TOLEDO-FRANCISCO, Crislaine Valéria de. *Passagens Híbridas: relações de gênero e pentecostalismo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

VANAZZI, Brisa Manuela dos Reis. *A Psicologia Clínica diante do Fundamentalismo Religioso Cristão*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Brasília.

WACH, Joachim. *El estudio comparado de las religiones*. Buenos Aires: Paidós, 1967.